

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

Isabel Filier de Oliveira*

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a formação de um discurso de alteridade sobre o monarca zulu Cetshwayo kaMpande, contido na obra *Cetshwayo's Dutchman*, de 1880, escrita pelo comerciante holandês Cornelius Vijn e pelo bispo anglicano, John William Colenso. Pautado nos aportes teóricos de François Hartog e Tzvetan Todorov sobre a retórica da alteridade, assim como no trabalho de Roger Chartier sobre representações, a análise é realizada a partir de três temáticas principais, nomeadamente a questão fronteiriça, a relação entre Cetshwayo e seus súditos e a questão missionária. É objetivo do artigo explicitar a relação da obra com a Guerra Anglo-Zulu de 1879, verificando como o relato busca responder às críticas feitas ao monarca zulu, pelo oficial inglês Sir Bartle Frere. Também é foco do artigo comentar a fonte à luz da bibliografia sobre relatos de viagem, em especial a discussão sobre o caráter dos relatos de autoria feminina e masculina, e quanto ao trabalho de Mary Louise Pratt sobre o olhar imperial.

Palavras-Chave: Alteridade; Representações; Relatos de viagem; Guerra Anglo-Zulu; Cetshwayo kaMpande

Introdução

Este artigo tem como problemática central explorar como se deu a elaboração de um discurso de alteridade acerca do monarca zulu Cetshwayo kaMpande no relato de viagem escrito pelo comerciante holandês Cornelius Vijn, publicado em livro intitulado *Cetshwayo's Dutchman*, de 1880, em Londres. Observar-se-á a relação desse discurso com o advento da Guerra Anglo Zulu de 1879 e as estratégias narrativas utilizadas pelo autor e pelo bispo John William Colenso, com quem publicou o livro, para desenvolver uma defesa do monarca zulu frente às acusações feitas por um oficial inglês, Sir Bartle Frere.

*Graduanda em História pela Universidade de São Paulo. Contato: isabel.filier.oliveira@usp.br

A retórica da alteridade, como nomeou François Hartog em sua obra *O Espelho de Heródoto*, é própria das narrativas que tratam do “Outro”, como é o caso do relato de viagem. Nestas fontes podemos distinguir dois polos: “o mundo em que se conta e o mundo que se conta” (HARTOG, 1999, p. 229). Para que esse mundo seja contado, o autor lança mão de diversas estratégias como a inversão e a comparação, para que possa traduzir esse “Outro” para os seus semelhantes, a quem escreve, e fazer crer que essa tradução é fiel (*Ibidem*, p. 273). Em adição a isso, Tzvetan Todorov aponta ainda três eixos nos quais a problemática da alteridade se situa: julgamento de valor, aproximação ou distanciamento ao “Outro”; e reconhecimento ou rejeição da identidade do “Outro” (TODOROV, 1999, p. 158); sendo que os três aparecem em diferentes gradações e se inter-relacionam.

Para realizar a análise, distinguir-se-ão quais são os temas presentes na descrição do caráter do monarca e quais são os argumentos e estratégias que integram a defesa que se busca fazer deste. Além disso, preocupar-se-á em averiguar a indissociabilidade do âmbito das representações da realidade material em que estas se configuraram e a influência que elas exerceram sobre essa realidade. Roger Chartier define a representação como um conjunto de figuras através das quais a sociedade dá sentido a sua vida, sendo matrizes de discursos e práticas que constroem o mundo social e as contraditórias identidades (CHARTIER, 1990, p. 18). Nas palavras do autor:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. (*Ibidem*, pp. 16-17)

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

Complementariamente a esta questão central serão comentados alguns aspectos da obra à luz da bibliografia sobre literatura de viagem a fim de apresentar as potencialidades dessa obra que é ainda pouco explorada, questões estas que se preocupam primariamente com o caráter que o relato de viagem assume com destaque para o conceito de olhar imperial, cunhado por Mary Louise Pratt, e as discussões sobre o caráter dos relatos de viagem de autoria feminina. Por fim, far-se-á um balanço das conclusões obtidas sobre esse relato específico e sobre o trabalho com essa tipologia de fontes.

Alteridades em disputa

Apesar de algumas tensões, desde a instauração de um grande reino zulu por Shaka, entre 1817 e 1824, a relação com os ingleses – principalmente com Natal, que fazia fronteira com o reino – havia sido relativamente pacífica. O estopim da guerra entre ingleses e zulus teve início com a pretensão de realizar uma confederação na África do Sul¹ – plano elaborado por políticos, em Londres, seguindo o modelo implantado no Canadá – que possibilitaria a exploração de diamantes descobertos na região em fins da década de 1860, uma vez que lá não havia a infraestrutura necessária para movimentar trabalhadores e bens e a variedade de chefaturas, colônias e repúblicas independentes dificultava a integração da região. Nesta conjuntura, o então procônsul inglês Sir Henry Bartle Frere foi enviado à África do Sul no ano de 1877, para dar continuidade à realização desse esquema, iniciado em abril, com a anexação da região que veio a ser a colônia do Transvaal (KNIGHT, 2003, pp. 15-16).

¹Ao longo de todo o artigo utiliza-se África do Sul não para referir-se à região do atual país homônimo, mas à porção sul do continente africano, que, na época em questão (fins do século XIX), abrigava as colônias do Cabo, Natal e Transvaal, o Estado Livre de Orange, a Suazilândia e o reino Zulu (KNIGHT, 2003, p. 14; MAGNOLI, 1992, p. 25), como pode-se observar no mapa acima.

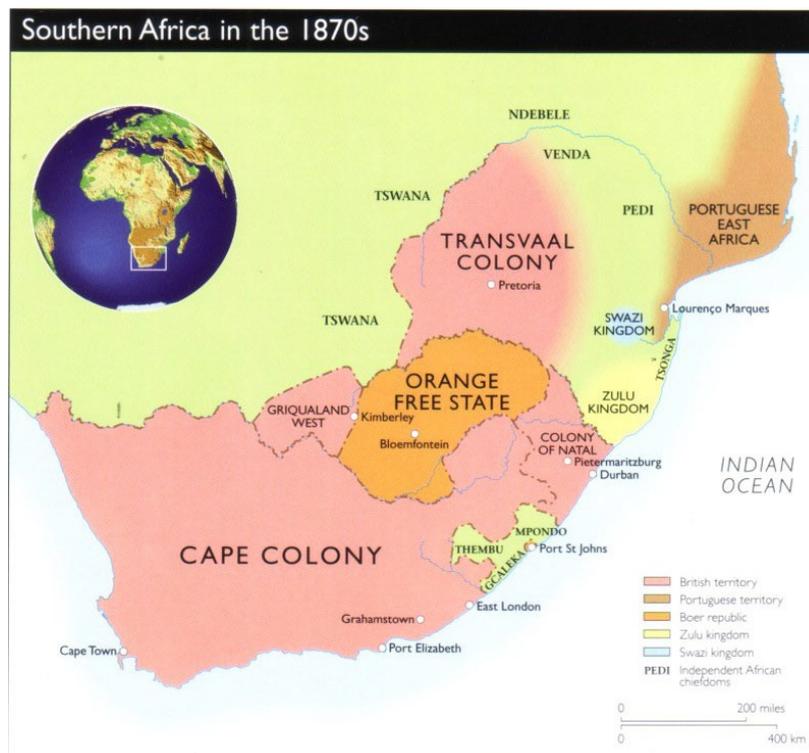


Imagem 1. Sul da África na década de 1870

Logo, Frere (agora Alto Comissário inglês na África do Sul) chegou à constatação de que o reino Zulu era o seu principal obstáculo (COPE, 1995, p. 249). Na década de 1870 ele constituía o grupo africano mais poderoso que restara na região e a questão fronteiriça com o Transvaal havia prejudicado a relação entre ingleses e zulus. Na década de 1840, o então monarca zulu, Mpande kaSenzangakhoma, pai de Cetshwayo, havia permitido que os bôeres usassem seu território para que seu gado pastasse, mas estes ultrapassaram a região que lhe fora cedida, causando tensões entre bôeres e zulus. O conflito encontrou seu ápice na década de 1870, quando Cetshwayo, agora rei, empenhou-se para a retirada dos bôeres, e os ingleses, que até então haviam apoiado as reivindicações zulus, deixaram-no de fazê-lo quando os bôeres tornaram-se seus súditos com a anexação do Transvaal (KNIGHT, 2003, p. 16).

Apesar dessas questões era preciso justificar uma guerra que seria muito custosa para a Inglaterra e que gozava de pouco apoio. Eis que Frere empenhou-se em colocar o monarca

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

Cetshwayo kaMpande como o principal responsável pela instabilidade na região – tanto entre os povos africanos quanto em relação à questão fronteiriça. Seu discurso representava Cetshwayo como um déspota, de caráter cruel e bárbaro, responsável por inúmeras mortes inclusive de zulus (COPE, 1995, p. 247).

Entretanto, o que este discurso tinha em convicção também o possuía em resistência, havendo vozes que discutiam com Frere, propondo uma diferente retórica da alteridade acerca do monarca Zulu, refutando essa visão negativa: trata-se do discurso proferido pelo bispo de Natal, John William Colenso, que visava defender o monarca Zulu das acusações proferidas contra ele. Matemático e religioso, Colenso ficou conhecido por suas ideias pouco ortodoxas, bastante influenciadas por Frederick Denison Maurice, um teólogo de pensamento livre que acreditava numa Igreja que transcendia as diferenças entre indivíduos e raças. Colenso foi consagrado bispo de Natal em 1853 e, mesmo após ser processado por heresia ao expor o caráter ahistórico da Bíblia – o que fez com que ele perdesse grande parte do apoio dos colonos –, permaneceu como tal até sua morte, em 1883 (O'CONNOR; ROBERTSON, 2008).

O debate entre Colenso e Frere sobre o caráter de Cetshwayo desenrolou-se antes, durante e depois da guerra Anglo-Zulu de 1879. Entre os veículos utilizados por Colenso nesse debate está a publicação da obra em questão neste artigo, *"Cetshwayo's Dutchman: being the private journal of a White trader in Zululand during the british invasion"*, publicada em 1880 – portanto, após o término da guerra².

Colenso apresenta a obra como a tradução, edição e adição de notas explicativas do diário pessoal do comerciante holandês Cornelius Vijn, afirmando que fora este quem levara seu diário até ele para verificar “se valeria a pena publicá-lo na Inglaterra, durante a presente crise das questões zulu” (COLENZO; VIJN, 1880, p. vi, tradução nossa)³. No diário, Vijn relata

²A guerra entre ingleses e zulus tem início em janeiro de 1879, terminando em setembro do mesmo ano.

³Original: “whether it would be worth while to publish it in England, at the present crisis of Zulu affairs”.

sua viagem da Colônia de Natal até a Zululândia, com o propósito de fazer comércio, viagem que se passa durante a guerra Anglo-Zulu, sendo que a primeira entrada do diário data de 29 de outubro de 1878, e a narrativa é concluída pouco tempo após o término da guerra, como nota-se no *post-scriptum*.

Apesar de o bispo colocar-se como o único responsável pela edição e publicação do livro, a leitura do mesmo permite-nos levantar a hipótese de que a sua publicação consistiu em um esforço conjunto. Um primeiro indício para tal são as “subnotas” feitas por Cornelius Vijn às notas adicionadas pelo bispo, o que nos levou a supor que Vijn leu as notas adicionadas por Colenso após a edição do seu relato.

O outro indício é que há trechos sendo narrados no tempo presente nos quais Vijn inclui informações obtidas posteriormente, como, por exemplo, informações que ele só dispôs ao final da guerra. Esse fenômeno pode dever-se a uma questão pragmática: num ambiente de guerra não era sempre possível escrever sobre um fato logo após este ter ocorrido. Porém, uma hipótese que deve ser levantada é de que tais partes tenham sido adicionadas durante a edição do relato para torná-lo mais persuasivo ou simplesmente uma leitura mais prazerosa e compreensível – é surpreendente o quão coeso é o seu diário, levando-se em conta que foi escrito durante uma guerra, na qual ele esteve envolvido.

O importante é frisar que o livro é entendido, pois, como a união num todo indivisível, composto pelo relato escrito por Vijn em seu diário e pelas notas elaboradas pelo bispo, tendo sido resultado de um esforço conjunto e consciente de contribuição para o debate sobre o caráter de Cetshwayo. Problemático para essa abordagem é o fato de que enquanto as informações e trabalhos escritos sobre Colenso são numerosos, o mesmo não se pode dizer sobre Vijn. As únicas informações sobre ele são aquelas contidas no relato, repetidas por Colenso:

Cornelius Vijn é um jovem holandês, de 23 anos, que viveu 4 anos e meio em Natal, durante três quartos dos quais (como diz) ele tem negociado na Zululândia e **assim aprendeu a falar a língua zulu bem (...) e se tornou**

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

completamente familiarizado com o povo zulu, e seus hábitos e costumes comuns. (...) ele é um jovem de boa educação e boa inteligência; E seu caráter é tal (...) que **garante a confiança inteira que está sendo colocada em suas indicações a respeito do que ouviu, ou viu, ou sabe, na Zululândia**⁴ (*Ibidem*, pp. v-vi, tradução e grifos nossos)

O trecho que inicia o livro consiste numa primeira indicação de legitimidade do discurso de alteridade contido no relato de Vijn. Não apenas suas afirmações provinham daquilo que ele ouviu, viu ou ficou sabendo na Zululândia, como ele também tinha bom caráter e educação, sabia falar bem zulu e relacionava-se frequentemente com eles. Estes fatores fizeram com que o bispo conferisse total confiança àquilo que ele dizia, convidando o leitor a fazer o mesmo. Como colocou François Hartog, a repetição de frases como “eu vi, eu me encontravam, isso me aconteceu” (HARTOG, 1999, p. 276) não consiste em marcas de vaidade do autor, mas de cientificidade.

Em seu diário Vijn abordou diversos temas, entre os quais destacaremos três que dizem respeito à discussão sobre o caráter de Cetshwayo e nos permitem apreender o discurso de alteridade elaborado por ele. São temáticas que dizem respeito principalmente à sua conduta como um governante e através das quais se busca responder às acusações feitas sobre ele por Frere.-

O primeiro dentre os três temas diz respeito à questão fronteiriça e à ideia de que Cetshwayo foi responsável pela instabilidade na região. Aparece prioritariamente no início do relato, antes do começo da guerra e o que se reitera ao longo da narrativa é a ideia de que Cetshwayo não pretendeu, ou melhor, proibiu a invasão de Natal. Desde os primeiros rumores de conflitos vindos de pessoas que acreditavam que a ameaça de guerra estava no lado zulu da fronteira, Vijn mostrou-se calmo devido ao seu conhecimento sobre o que acontecia na Zululândia:

⁴Original: “Mr. Cornelius Vijn is a young Hollander, 23 years old, who has been 4 ½ years in Natal, during three-fourths of which time (as he states) he has been trading in Zululand, and has thus learned to speak the Zulu language well (...) and has become thoroughly conversant with the Zulu people, and their ordinary habits and customs. (...) he is a young man of fair education and good intelligence; and his character is such (...) as to warrant entire confidence being placed in his statements as to what he has heard, or seen, or know, in Zululand”.

...eu tinha retornado recentemente da Zululândia, e tinha deixado tudo quieto lá... e como as conversas sobre guerra eram meros rumores e tinham sido recorrentes nos últimos dois anos, eu dei pouca atenção a ela.⁵ (COLENZO; VIJN, 1880, p. 4, tradução nossa)

...Sr. Jackson me disse que **o perigo estava ameaçando do lado zulu do Tugela**, não do lado de Natal, referindo-se, sem dúvida, aos "grupos de caça", que o rei havia ordenado, para mostrar que ele tinha um exército como os brancos, mas não com a intenção de invadir Natal.⁶ (COLENZO; VIJN, 1880, p. 4, tradução e grifos nossos)

Pouco a frente, em nota, Colenso demonstra ao leitor que não apenas Cetshwayo não pretendeu atacar, como os ingleses tiveram conhecimento desse fato ao dizerem que “parece que alguém informou ao rei que o governo de Natal pretende invadir a Zululândia com o propósito de levá-lo, e que o armamento dos Zulus é uma medida **de precaução**”⁷ (COLENZO; VIJN, 1880, p. 84, tradução e grifos nossos).

O trecho, um documento assinado por Sr. Fynney, agente do estadista britânico Theophilus Shepstone (COPE, 1995, p. 253), datado de 24 de outubro de 1878, mostra a preocupação de Colenso em provar as afirmações feitas por Vijn, uma vez que no prefácio afirmou que as acusações feitas sobre Cetshwayo não tinham embasamento. As notas adicionadas por ele são em sua maioria excertos de documentos, como o citado acima, apresentados como provas das afirmações feitas por Cornelius Vijn. Além disso, a própria existência de notas já pode ser considerada uma marca de legitimidade se seguirmos a linha de análise de François Hartog, segundo o qual estas assumem o sentido de dizer “eu li”, “eu sou crível” (HARTOG, 1999, p. 279). Começa-se a delinear uma primeira oposição entre a imagem de Cetshwayo e dos ingleses, na qual os últimos foram retratados como responsáveis pela eclosão da guerra, enquanto o primeiro foi mostrando como tendo se

⁵Original: “... I had only lately returned from Zululand, and had left everything quiet there... and as the war-talk was mere rumour and had been current for the last two years, I gave little heed to it”.

⁶Original: “...Mr. Jackson told me that danger was threatening from the Zulu side of the Tugela, not from the Natal side, referring, no doubt, to the ‘hunting parties’, which the King had ordered, to show that he had an army as well as the Whites, but not with any intention of invading Natal.”

⁷Original: “It would appear that some one has informed the King that the Natal Government intends to invade Zululand with the purpose of taking him, and that the arming of the Zulus is a precautionary measure.”

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

preocupado apenas em defender seu território. Tal ideia é fortalecida no seguinte trecho que se passa durante a guerra e consiste numa fala de Cetshwayo reproduzida por Vijn:

O rei também estava enraivecido porque seu povo havia ultrapassado a fronteira da Zululândia até Natal; porque **ele disse**: 'São os brancos que vieram lutar comigo em meu próprio país, e não eu que vou lutar com eles. **Minha intenção (...) é apenas me defender em meu próprio país**, onde eles mesmos me fizeram rei há alguns anos"⁸ (COLENSO; VIJN, 1880, p. 31, tradução e grifos nossos)

Duas coisas chamam atenção no trecho acima. Em primeiro lugar, está a estratégia, repetitivamente utilizada no livro, de inserir falas de Cetshwayo, de modo a tornar as informações mais fidedignas e persuasivas. A segunda diz respeito ao conteúdo da fala na qual Cetshwayo diz-se bravo, pois seu povo cruzou a fronteira. A separação das ações dos zulus e das intenções de Cetshwayo é uma das estratégias recorrentes do relato. Uma segunda oposição se cria, agora entre zulus e Cetshwayo. Conforme esta contraposição, todos os momentos em que se verificam atitudes negativas vindas dos zulus, deixa-se claro que ou deveram-se às ordens de um dos demais chefes zulus,⁹ ou foi uma ação isolada de alguns indivíduos.

Outro fator reiterado sobre o caráter de Cetshwayo foge um pouco ao presente tema, mas vem logo em seguida no relato e diz respeito à ideia de que ele promoveu uma luta justa e honrada, ao contrário dos ingleses. Em determinado momento, Vijn narra como um médico ofereceu a Cetshwayo seus serviços na guerra para, por exemplo, matar os ingleses através do envenenamento das águas, a cuja proposta o monarca respondeu que "ele não iria lutar

⁸Original: "The King was angered also because his people had gone over the Zulu Border into Natal; for he said 'It is the Whites who have come to fight me in my own country, and not I that go to fight with them. My intention... is only to defend myself in my own country, where they themselves made me King a few years ago (10)".

⁹Desde o fim do século XVIII a região da Zululândia era ocupada por diversas chefaturas (*chiefdom*) cada qual governada de forma autônoma por uma casa real até que na década de 1790 elas entram em conflitos e passaram a se agrupar em grupos militares mais seguros, processo que durou 30 anos. Os zulus eram um desses agrupamentos que sob o reinado de Shaka estabeleceu conglomerado desses grupos e chefias sob seu poder, instituindo um poderoso reino em meados da década de 1820 (KNIGHT, 2003, p.11-2).

com os brancos de qualquer maneira desumana, mas ele iria lutar em forma honrosa...”¹⁰ (*Ibidem*, p. 31, tradução nossa).

Novamente, o contraponto com os ingleses foi estabelecido através das notas quando Colenso afirma que “Cetshwayo estava correto em sua decisão de acordo com os ordinários princípios da humanidade”¹¹ (*Ibidem*, p. 99, tradução nossa), mas que era difícil traçar um limite dos modos através dos quais se pode matar seu inimigo frente aos horríveis métodos já utilizados pelos ingleses para matar os zulus. Colenso inverte completamente a balança, colocando os ingleses como os bárbaros e não detentores dos “ordinários princípios da humanidade”.

Convém agora pensar na relação de Cetshwayo com seu povo, o que constituiu o segundo tema a ser aqui abordado, como também o mais frequente na obra. A ideia disseminada pelo discurso de Frere foi de que Cetshwayo era um monarca mais sanguinário que seus predecessores e responsável por inúmeras mortes tanto de zulus quanto de nativos de Natal, muitas vezes daqueles que haviam se convertido à fé cristã. No *post scriptum* de seu relato Vijn comenta diretamente os rumores de que Cetshwayo teria assassinado inúmeros convertidos afirmando crer que tais histórias eram falsas, visto que nos quase quatro anos que passou na Zululândia jamais ouviu algo que pudesse confirmar essas suspeitas. Conclui dizendo que:

Nego enfaticamente, e totalmente não acredito, que Cetshwayo era um tirano sanguinário; embora ele tivesse, obviamente, de fazer cumprir de tempos em tempos as **leis** de seu condado e, se não o tivesse feito, onde eu deveria estar, eu quem devia a minha segurança à ordem mantida pelo rei?¹² (*Ibidem*, pp. 80-81, tradução e grifo nosso)

10Original: “he would not fight with the Whites in any inhuman manner, but he would fight in honourable fashion...”.

11Original: “Cetshwayo was right in his decision, according to ordinary principles of humanity”.

12Original: “I deny emphatically, and totally disbelieve, that Cetshwayo was a bloodthirsty tyrant; though he had, of course, to enforce from time to time the laws of his county, and, if he had not done so, where should I have been, who owned my safety to the order maintained by the King?”

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

Além de negar a caracterização de Cetshwayo como um tirano sanguinário, Vijn justifica e legitima as vezes nas quais o monarca teve de fazer cumprir as leis em seu país e que foi a ordem imposta por essa ação que permitiu a sua sobrevivência. Sua argumentação baseia-se no direito do monarca governar em seu país e na ideia de que havia leis sendo defendidas por este. Soma-se a isso a preocupação em disseminar a ideia de que os zulus aprovavam seu monarca enquanto Frere alegava que eles estavam cansados de seu governo (*Ibidem*, p.80). Busca-se provar que os zulus apoiavam incondicionalmente o monarca como, por exemplo, quando Vijn diz que, após a derrota sofrida pelos zulus em Ulundi, em que lhes foi oferecido a possibilidade de rendição, estes “teriam entregue todas as suas armas a comando do rei”¹³ (*Ibidem*, p. 62, tradução nossa). Não apenas o obedeciam, como o respeitavam. O argumento é bem resumido por Colenso na seguinte passagem:

De fato, quando lemos o tocante relato da devoção do Povo Zulu ao **seu** Rei em sua hora de extrema necessidade (Nota 32), e do respeito que sentiam por ele mesmo depois de sua queda - das pessoas que deveriam abominá-lo como um tirano cruel e almejar apenas ser liberado de seu governo sangrento (...).¹⁴ (*Ibidem*, pp. viii-ix grifo e tradução nosso)

Contrasta assim a ideia posta por Frere com o argumento, baseado em relatos sobre o momento de captura do monarca publicados no jornal *Cape Times* e reproduzido em nota (*Ibidem*, pp. 169-181), de acordo com o qual “nem a perda de seu gado, o medo da morte, nem a oferta de grandes propinas, os tornariam [os zulus] falsos ao seu Rei”¹⁵ (*Ibidem*, p. 172, tradução nossa).

Por último trataremos da questão dos missionários, tema que tem relação com o já citado rumor do assassinado dos convertidos. O tema aparece pouco no relato, mas é bastante importante devido ao papel que os missionários tiveram na disseminação de

13Original: “would have given up all their guns at the King’s command”.

14Original: “Indeed when we read the touching account of the devotion of the Zulu People to their King in his hour of utmost need (Note 32), and of their respect for him even after his fall, - of the people who were supposed to abhor him as a cruel tyrant and to long only to be released from his bloody rule (...).”.

15Original: “neither the loss of their cattle, the fear of death, nor the offering of large bribes, would make them false to their King”.

representações injuriosas do monarca zulu. O testemunho dado pelos missionários sobre a Zululândia dependia de dois fatores: as circunstâncias reais e a expectativa de intervenção inglesa – buscavam-na para auxiliar nos trabalhos missionários, proibidos pelo monarca zulu que a via como incompatível com a lealdade ao rei (COPE, 1995, p. 251). Quando essa intervenção mostrava-se possível disseminavam-se “atrocities stories” (história de atrocidades) que supostamente teriam sido cometidas por Cetshwayo (*Ibidem*, p. 255) e que justificariam tal intervenção; uma história de que cerca de 100 convertidos haviam sido assassinados a mando de Cetshwayo foi obra dos missionários.

A primeira menção ao assunto vem logo no prefácio, quando Colenso comenta a opinião do missionário Robert Moffat de que a guerra teria atrasado em cinquenta anos o trabalho missionário no sul da África. Concordando, Colenso se questiona, porém, sobre o fato dos homens que levaram a guerra por ordens de governantes cristãos e no nome de uma nação cristã poderem ensinar cristandade aos nativos. Mais uma vez, ele inverte a balança colocando os ingleses no lado negativo. Afirma como ele e outros habitantes de Natal tinham acreditado que Frere traria as desejadas melhoras ao sistema militar e de casamentos zulu¹⁶, mas que não esperavam que uma guerra fosse desencadeada para esse propósito nem que “ele dirigiria um feroz ataque a ser feito sobre os zulus despreparados e inofensivos”¹⁷ (COLENZO; VIJN, 1880, p. xiii, tradução nossa).

No relato, Vijn permite que Cetshwayo se pronuncie sobre a questão dos missionários e do sistema militar e de casamentos. Diferente das outras falas citadas, as quais Vijn obteve através de terceiros, aqui se trata de uma conversa direta com o monarca, quando este o chamou para que escrevesse duas cartas, uma para Sir G. Wolseley e outra para o Sr. Fynney.

16Os jovens zulus formavam os chamados *amabutho* (*ibutho*, no singular), regimentos organizados por idade aos quais eles deviam servir por cerca de três a quatro anos, só sendo liberados desse serviço nacional quando se casassem pela primeira vez. Os monarcas zulus reservavam para si o direito de permitir ou não que o zulu se casasse, permissão que era dada ao regimento como um todo (KNIGHT, Ian, 2003, pp. 22-24).

17Original: “he would direct a ferocious onslaught to be made on unprepared and unoffending Zulus”.

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

Ao levantar a questão de que talvez os ingleses estivessem bravos com Cetshwayo por ele ter expulsado os missionários, esse diz:

Bem! Os missionários eram muito problemáticos; Eles queriam ser Rei sobre mim e, quando eu quis conversar com o Governador de Natal, eles vieram e me disseram que eu devia fazer assim, e assim, como se eles fossem reis na terra, **enquanto que não era o seu país, mas o meu.**' Quanto ao casamento dos jovens, ele disse que "**ele estava bastante disposto** a deixar que todos os regimentos se casassem, exceto os três mais jovens.¹⁸ (*Ibidem*, pp. 55-56, tradução e grifos nossos)

Novamente, dá-se destaque para a importância do direito de governar de Cetshwayo e, além disso, mostra-o como um monarca disposto a atender às reivindicações postas a ele, um monarca sensato. Outros fatores se fazem presentes no relato quanto à construção de um discurso de autoridade sobre Cetshwayo e é verdade que ele é percorrido por várias ambiguidades. A mais gritante dessas é que, à medida que se buscou apresentar uma imagem positiva de Cetshwayo, formou-se uma negativa do povo zulu. A seleção desses três grandes temas, entretanto, permitiu-nos observar algumas tendências nesse discurso que vem a conformar uma defesa do monarca zulu.

Ao estabelecer uma primeira comparação entre zulus e Cetshwayo e outra entre Cetshwayo e os ingleses, desconstruíram-se ao longo da obra os argumentos postos por Frere para justificar a guerra. De acordo com a primeira, são os zulus que levam a culpa por qualquer mal vindo da Zululândia; e, de acordo com a segunda, Cetshwayo é representado como um monarca justo, respeitado e estimado por seus súditos, que buscou apenas defender o seu reino, e quando não lhe restou alternativa embarcou numa guerra de forma justa e honrada, ao passo em que os ingleses são os responsáveis por uma guerra custosa, violenta e desnecessária. Podemos, pois, considerar que o argumento central é que se tratou de uma guerra injusta. Tudo isso ainda se embasa em uma concepção legalista do seu direito

¹⁸Original: "Well! The Missionaries were very troublesome; they wanted to be King over me, and, when I wished to talk with the Governor of Natal, they came and told me that I must do so, and so, as if they were kings in the land, whereas it was not their country, but mine." As to the marrying of the young men he said that "he was quite willing to let all the regiments marry, except the three youngest."

de governar frisando que Cetshwayo fora coroado rei pelos próprios ingleses e reinava conforme leis pré-estabelecidas (*Ibidem*, pp. 249-250). Traduzindo em termos teóricos à luz do trabalho de François Hartog, Vijn busca traduzir esse outro aos seus semelhantes utilizando-se de comparações e inversões entre os três elementos em jogo – Cetshwayo, os ingleses e os zulus – assim como de uma chave interpretativa compreensível ao seu público alvo – a monarquia constitucional e os ingleses, respectivamente.

Entre essas várias estratégias argumentativas utilizadas, além de outras como a inserção de falas do monarca e as notas do bispo que conferem um caráter verídico aos fatos narrados, a mais elementar de todas é o fato de tratar-se de um relato de viagem o que não apenas conferia autenticidade ao discurso de alteridade acerca de Cetshwayo, mas também se encaixava numa prática recorrente nesse debate: jornais que circulavam na região de Natal publicavam cartas de viajantes e residentes na Zululândia que também negavam as histórias injuriosas sobre Cetshwayo (COPE, 1995, p. 252).

O discurso de Vijn mostra-se, pois, completamente indissociável da realidade na qual vivia tanto por responder a temas de um debate contemporâneo sobre a questão zulu, quanto por sua publicação constituir-se num artifício recorrente nesse debate. Portanto, apesar de ser permeado por um caráter pessoal – na medida em que faz avaliações das situações de acordo como elas o afetam como também pela presença de menções a sua família e amigos, e a seus sentimentos – o relato de Vijn adquire um caráter de expressão política ao tratar de temas políticos e ao ter sua publicação motivada pela defesa de Cetshwayo¹⁹.

19A escassez de informações sobre Cornelius Vijn torna difícil afirmar quais foram suas motivações em promover a defesa do monarca zulu. Devido a sua origem holandesa, ele poderia identificar-se com os bôeres (ou africâneres, como ficaram conhecidos posteriormente) e posicionar-se contra os ingleses, com os quais eles tiveram recorrentes conflitos. Entretanto, não só as menções que Vijn faz aos bôeres não são suficientes para afirmarmos isto, como também na ocasião da guerra eles eram súditos ingleses, e como tais lutavam ao mesmo lado, contra os zulus. Há a possibilidade de uma motivação religiosa, ligada a sua origem holandesa ou por sua relação com o bispo na publicação da obra. Porém, a ausência de argumentos de teor religioso torna-a pouco provável: ele trata da questão dos missionários como uma questão legal e não uma questão religiosa. Por fim, sabe-se que ele é um comerciante, o que leva-nos à última hipótese, mais pragmática que ideológica: seu comércio ficaria prejudicado na ausência de Cetshwayo. Tal hipótese é corroborada pelo fato de Vijn afirmar, ao

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

O relato de Vijn nos mostra, pois, que há uma conexão indubitável entre a realidade e a produção de representações, âmbitos que são intrinsecamente ligados como demonstrou Roger Chartier: as representações não apenas dão sentido ao mundo como também o influenciam, gerando discursos e práticas que constroem esse mundo. Nesse sentido é curioso ainda citarmos a colocação que Chartier faz sobre as representações serem utilizadas como instrumentos de poder em situações nas quais não há o recurso a uma violência imediata (CHARTIER, 1990, p. 17, p. 22). Ora, não fora este o caso de Frere? Frente à necessidade de promover uma guerra que possuía pouco apoio e, portanto, poucos recursos, ele se empenhou em representar o monarca zulu como um déspota sanguinário. Observamos, portanto, como as representações são criadas a partir do seu contexto material; mas, e quanto ao inverso? Como essas representações geraram ações materiais? É muito difícil afirmar se essa obra em particular teve grande repercussão e sucesso entre o público inglês, mas sabe-se que, no contexto mais amplo do debate sobre o caráter do monarca zulu, no qual a obra está inserida, o discurso a ele favorável foi vitorioso.

A própria obra já nos traz indícios de que essa representação de Cetshwayo foi bem sucedida, quando Colenso, afirma em uma de suas notas, que a ideia de que o monarca zulu não pretendia invadir Natal já era algo incorporado pelo senso comum no momento em que escreve (imediatamente após a guerra) (COLENZO; VIJN, 1880, p. 96). Outro indício, este mais concreto, é que a Cetshwayo foi dada a permissão de viajar até Londres, em 1882, após ter ficado um tempo em cativeiro para defender o seu direito como rei e o restabelecimento do seu reino. Por fim, a prova cabal vem quando R. L. Cope, que estuda o impacto que as duas representações sobre Cetshwayo tiveram na historiografia sobre seu reinado, coloca:

... a **vitória** intelectual deste bispo vitoriano [Colenso] resultou em uma tendência para entender o reinado de Cetshwayo em termos inadequados da

final do relato, que estava dirigindo-se para a Suazilândia para comerciar “como no sistema presente é impossível negociar na Zululândia” (Original: “as under the presente system it is impossible to trade in Zululand” IN: COLENZO; VIJN, 1880, p. 79, tradução nossa). Sem o poder centralizador de Cetshwayo, Vijn teria de negociar com cada chefe africano além dos oficiais britânicos. A volta do monarca Zulu, que no momento era uma possibilidade, seria, pois, benéfica para os seus negócios.

propriedade constitucional do século XIX. A história da monarquia Zulu de Shaka a Cetshwayo veio a ser vista em termos de uma transição de tirania violenta sem lei para a **monarquia constitucional e o Estado de direito**²⁰ (COPE, 1995, p. 248, tradução e grifos nossos)

Foi apenas em fins da década de 1990 que essa interpretação começou a ser revista, de modo que se conclui que a influência da representação foi tanta, que perdurou por mais de um século. Observa-se como a chave interpretativa utilizada por Cornelius Vijn para traduzir os zulus – a monarquia constitucional – foi assimilada acriticamente pela primeira historiografia que começou a se utilizar desse e outros relatos como fontes históricas. Trata-se de uma tendência que marcou a utilização dessas fontes até a década de 1970 de acordo com a qual “os relatos [de viagem] ‘tinham sido aceitos sem maiores análises críticas ou fora de uma perspectiva histórica’” (FRANCO, 2009, p.71). Desde então os relatos de viagem vieram a constituir um campo próprio de investigação historiográfica, no qual importantes avanços foram realizados. Tomemos então essa deixa para comentarmos o diário de Vijn à luz de alguns desses trabalhos.

Algumas palavras sobre o livro como relato de viagem

Como se verificou, o cerne desse artigo foi a questão da alteridade, de diferentes representações em disputa. Entretanto, o relato escrito por Cornelius Vijn sobre sua passagem pelo Reino Zulu durante a guerra de 1879, traz elementos que possibilitam o diálogo com a bibliografia sobre relatos de viagem. Falar-se-á agora um pouco sobre essa questão para expor algumas das potencialidades dessa fonte. Primeiramente, é preciso frisar que o diário configura-se como um relato de viagem em dois sentidos: primeiro, na medida em que trata de ocorrências durante a permanência temporária de Vijn na África do Sul²¹; e

20Original: “...the intellectual victory of this Victorian bishop [Colenso] resulted in a tendency to understand the reign of Cetshwayo in the inappropriate terms of nineteenth-century constitutional propriety. The history of the Zulu monarchy from Shaka to Cetshwayo came to be seen in terms of a transition from violent lawless tyranny to constitutional monarchy and the rule of law”.

21Colenso utiliza no prefácio o termo *soujourn*, que significa precisamente “permanência temporária” (VIJN, COLENZO, 1880, p.v).

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

segundo, pois narra sua incursão partindo da Colônia de Natal até a Zululândia, com o propósito de fazer comércio com os zulus.

Como apontado anteriormente, o relato assume um viés pessoal, primeiro por vir em forma de um diário e, segundo, pelo seu conteúdo. Vijn comenta ao longo do relato se sente medo ou não, quais são suas preocupações e, em certo momento, chega a mencionar sua família e amigos: “embora meu coração mais de uma vez começou a bater, e eu pensei que meus pais, irmãos e família, que eu deveria morrer sem que eles nunca chegar a saber onde e de que forma eu tinha perecido”²² (COLENSO; VIJN, 1880, p. 44, tradução nossa). É interessante citar esse elemento do relato, pois contraria a noção de que esse caráter autobiográfico era exclusivo de relatos escritos por mulheres. Como afirma Mónica Szurmuk, os relatos de viagens escritos por mulheres foram por muito tempo vistos como “uma aventura interior meramente pessoal” (SZURMUK, 2007, p. 13), o que a levou a querer mostrar como as mulheres utilizavam-se desse gênero para discutir temas políticos, por exemplo. O relato de Vijn quebra também com a ideia, neste caso aceita por Szurmuk, de que ao escreverem relatos de viagem os homens se colocavam como testemunhas não comprometidas com os fatos narrados, ao contrário das mulheres, que se colocavam cuidadosamente dentro de suas narrativas (*Ibidem*, p. 22-23). Como pudemos observar ao longo do artigo, Vijn não é apenas observador da guerra e eventos que narra, mas também personagem central que se relacionou com cada um dos lados em disputa à medida que tal interação o favoreceu.

Ainda pensando no caráter do escrito de Vijn podemos considerar que este se apresenta como um relato de aventura ou, para usar o termo de Mary Louise Pratt, como literatura de sobrevivência. Pratt define-o como um gênero popular no qual se fazem presentes “os sofrimentos e perigos [da viagem], de um lado, e as maravilhas exóticas e curiosidade, do outro.” (PRATT, 1999, p. 48). Esse elemento faz-se muito presente nos

²²Original: “...though my heart more than once began to beat, and I thought my parents, brothers, and family, that I should die without their ever coming to know where and in what way I had perished.”

momentos narrados durante a guerra nos quais Vijn fala dos diversos perigos que corre, como também das dificuldades encontradas para se locomover no território (curiosamente inexistente antes do início da guerra).

Vale também um breve comentário sobre o conceito de Pratt de “olhar imperial”, uma vez que se trata de um viajante vindo do “centro” (Europa) para as “margens” (África). Estaria este olhar presente na obra? Como se viu, a obra ocupa-se em realizar uma defesa do monarca zulu, representando-o como um bom e justo governante. Mas é importante não idealizar. Tal visão positiva não se verifica, como já foi apontado, quando Vijn trata do povo zulu. Apesar de todo o conhecimento que ele expressa ter sobre o povo zulu (conhece sua língua, reconhece suas vestimentas, etc), Vijn emprega termos como “selvagens”, “insolentes” e “imprudentes”.

O mesmo cuidado deve estar presente quando se trata de Colenso. Buscando rejeitar a análise liberal que o vê como um grande tributo à liberdade africana, o estudioso Jeff Guy trata-o como um produto de seu tempo, que via o colonialismo de maneira positiva e acreditava ser seu dever subordinar as vidas africanas de acordo com a sua visão de mundo. Mesmo assim, não deixa de considerá-lo um homem corajoso e de princípio que apenas foi incapaz de ver que a essência do colonialismo era a injustiça (O'CONNOR; ROBERTSON, 2008). Ainda assim, não é possível dizer de forma categórica que o discurso proferido em *Cetshwayo's Dutchman* consiste em um exemplar do “olhar imperial”. Ele deve ser tratado pelo que é: ambíguo.

É muito difícil classificar Cornelius Vijn quanto a sua atitude frente ao “Outro” e talvez nem o devêssemos fazer. Porém, não fazê-lo também incorre no perigo de cairmos em análises detalhistas, em extremarmos o estudo de caso. Talvez seja possível encaixá-lo no perfil do “aproveitador”, proposto por Todorov: a ideia de um homem de negócios que se adapta bem a todos os contextos, utilizando os outros ao seu favor e aproveitando-se da posição excepcional que tem entre estes (TODOROV, 1991, p. 338) parece se encaixar muito

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa bem no que falamos até então sobre Vijn. Mas, como vimos, há ambiguidades, sutilezas e uma classificação tão taxativa corre o risco de ser simplista.

Frente a isso, quando tratamos de relatos de viagem, ou melhor, de construções representativas, um caminho possível é pensar nas tendências que configuram esse discurso – sem perder de vista as contradições que ele carrega – e a dominante em *Cetshwayo's Dutchman* é justamente aquela de apresentar uma visão sobre Cetshwayo diametralmente oposta àquela posta por Frere – que, por sua vez, contém diversos elementos de um “olhar imperial”.

Considerações finais

Procurou-se explorar neste artigo como a elaboração de uma representação acerca do monarca Cetshwayo kaMpande foi influenciada pelas circunstâncias que o cercavam e como essa representação influenciou a realidade sul africana. Verificou-se como a relato de viagem apresenta-se como ferramenta privilegiada para a elaboração desse discurso de alteridade e como essa literatura de viagem constitui não apenas uma leitura de lazer, mas um estratagema político. Certificou-se da importância de assumir o caráter ambíguo do relato de viagem e, portanto, de buscar quais são as tendências presentes no seu discurso.

O que se quis fazer também foi explorar a obra *Cetshwayo's Dutchman* do ponto de vista do estudo das representações e não apenas da História Social que se utilizou do relato como um depósito de informações factuais – abordagem muitas vezes acrítica que se verificou ser a norma nas pesquisas realizadas para esse artigo – além das contribuições que essa abordagem é capaz de trazer para o estudo da Guerra Anglo Zulu e os diversos fatores que influíram sobre ela.

É importante também a constatação de que um discurso proferido por alguém vindo do “centro” sobre as “margens” não é essencialmente e inevitavelmente negativo, sendo preciso sempre esforçar-se para perceber as nuances nesses discursos sem, tampouco, idealizá-los. De maneira geral é preciso cuidado para não realizar análises de relatos de

viagem que busquem plasmá-los em conceitos e classificações pré-elaboradas, que são sim ótimos instrumentos, mas não devem ser nossos pontos de chegada.

O texto aqui apresentado tinha como temática um recorte muito específico, mas há coisas ainda que restam a fazer. Uma questão que podemos sugerir para aqueles que desejem se aventurar no estudo dessa fonte, ou dessa tipologia de fontes, é prestar atenção aos circuitos de circulação da obra. A tarefa, central e difícil, traria grandes contribuições para a análise do discurso, pois, como diz Roger Chartier, “os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 1991, p. 182). O sentido desses textos depende, pois, de diversos fatores desde o suporte material deste às práticas de leituras através das quais são transmitidos. Fica agora o convite a quem quiser embarcar nessa viagem.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. *A história cultural; entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1990.

_____. “O mundo como representação”. IN: *Estudos Avançados*, v.11, n.5, 1991, pp.173-191.

COPE, R. L.. *Written in Characters of Blood? The Reign of King Cetshwayo Ka Mpande 1872-9*. *Journal Of African History*, Cambridge, v. 36, n. 2, p.247-269, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/182312>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

[FRANCO, Stella Maris Scatena](#). “Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. (Org.). JUNQUEIRA, Mary A.; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. 1aed. São Paulo: Humanitas, 2011, v. II, p. 62-86.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

KNIGHT, Ian. *The Zulu War 1879*. Oxford: Osprey Publishing, 2003. (Essential Stories).

MAGNOLI, Demétrio. *África do Sul: Capitalismo e apartheid*. São Paulo: Contexto, 1992. (Repensando a geografia).

As alteridades em Cetshwayo: um estudo sobre representações em disputa

O'CONNOR, J. J.; ROBERTSON, E.F. *John William Colenso: biography*. July/2008. Disponível em: <<http://www-groups.dcs.st-and.ac.uk/history/Biographies/Colenso.html>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/são Paulo: Edusc, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Nosotros y los otros*. Reflexión sobre la diversidad humana. México: Siglo Veintiuno Editores, 1991.

Fontes primárias

COLENZO, John William; VIJN, Cornelius. *Cetshwayo's Dutchman: being the private journal of a white trader in Zululand during the british invasion*. London: Longmans, Green, And Co., 1880. Disponível em <<https://archive.org/details/cetshwayosdutchm00cornrich>> Acesso em: 09 jan. 2017.

Imagens

Imagem 1: Southern African in the 1870's, IN: KNIGHT, Ian. *The Zulu War 1879*. Oxford: Osprey Publishing, 2003. (Essential Stories), p.14.